

Desequilibrio na balança

Queda do superávit comercial com o Brasil alarmá EUA

FLAVIA SEKLES

Correspondente

WASHINGTON - Os Estados Unidos estão preocupados com o impacto da desvalorização do real na balança comercial entre os dois países, e com a possibilidade de que a crise atual no Brasil dê fôlego ao protecionismo, disse ontem um alto representante da área comercial do governo americano. Mesmo antes da desvalorização, a redução da demanda no Brasil já estava levando a uma deterioração de um dos últimos superávits comerciais dos EUA: segundo estatísticas divulgadas pelo Departamento do Comércio, o superávit dos Estados Unidos com o Brasil caiu em 21% entre outubro e novembro de 1998, de US\$ 617 milhões para US\$ 490 milhões.

O embaixador e vice-representante para assuntos comerciais da Casa Branca Richard Fisher disse ontem que Washington está "preocupada e observando" o impacto da desvalorização. "Há duas in-

côgnitas: o que vai acontecer com as nossas vendas no Brasil e o que vai acontecer com as exportações do Brasil para cá", disse. Segundo ele, ainda é muito cedo para prever resultados, mas "é muito provável que o nosso superávit com o Brasil vá diminuir ou ser eliminado". Nos primeiros 11 meses de 1998, o superávit comercial dos EUA com o Brasil soma US\$ 4,4 bilhões.

Segundo os números divulgados pelo Departamento de Comércio, o déficit comercial americano aumentou 15% entre outubro e novembro, para US\$ 15,49 bilhões, excedendo as previsões de analistas, mesmo com um crescimento maior nas exportações (2%) do que nas importações (0,4%). Segundo Fisher disse ontem, nessas circunstâncias "nós não queremos ver uma queda na demanda em qualquer lugar do mundo, e não estamos felizes com perspectivas piores na América Latina". É por isso, disse ele, que o governo americano está torcendo enfaticamente para que o governo de Fernando Henrique Cardoso tome as medidas necessárias para que o Brasil saia da atual crise.

O embaixador americano falou durante uma conferência promovi-

da pelo Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos. Durante seu discurso, ele enfatizou a esperança dos EUA de que forças protecionistas dentro do Brasil não usem a atual situação para promover barreiras ao comércio internacional. Pelo contrário, disse que espera que a liderança de toda a América Latina use a atual situação como ímpeto para as negociações da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Segundo ele, "o Brasil permanece cauteloso nas negociações". No entanto, disse, "os tempos de hoje requerem ação, e não indecisão".

O embaixador do Brasil em Washington, Paulo Tarso Flecha de Lima, também discursou perante o mesmo grupo e disse que não tem dúvidas de que esse regresso não ocorrerá no Brasil. Flecha de Lima citou como prova a declaração do presidente Fernando Henrique Cardoso alguns dias atrás segundo a qual se o empresariado não apoiar o programa econômico ele reduzirá tarifas de importação. Segundo o embaixador, o impacto da flutuação do real será equilibrado por outras mudanças na economia que levarão a benefícios para todos os atores econômicos.